

VIDA
MUNDIAL



ANO V-N.º 224
30 DE AGOSTO 1945
PREÇO AVULSO 1\$80

ILUSTRADA



ESTA É IVONE TÓRRES, A BRILHANTE PATINADORA PORTUGUESA, HÁ POUCO ELEITA «RAINHA DO PATINS!»

(Veja pág. 21)

6 RAPARIGAS PARA UM FILME, PRECISAM-SE.
(VER AS CONDIÇÕES DO NOSSO CONCURSO NA PAG.)

AGUMENTAR AS DUAS E
MANTER O EQUILIBRIO
— É A DIFICULDADE!



As Praias

A praia, chela de sol, o para o cornet mundano, o forte das elegâncias. Quere isto dizer que há muita gente que vai à praia não para tomar banho — que isso constata — mas para mostrar à turba dos curiosos a feitura elegante dos fatos de banho — e dos corpos que eles cobrem, deixando-os, aliás, quasi nus.

As mulheres elegantes, pernas esguias, longas, dobradas pelos talos, costumam mostrar às pobres e burguesas platinas pasmadas, como é o ver-nuno nessa estância luxuosa de Biarritz, de Nice, da Côte d'Azur — todas as *guerresses* da full *coquette*, que vêem nos banhos não uma temporada benéfica para o revigoramento do corpo, mas uma estadia chique a servir carapinhadas, a arranjar mil pretextos de *eflirts* — com uma batotinha ruínoza para os filhos de família.

Ora, evidentemente, que as nossas praias não sofrem esse castigo mundano. Não ofensivo como escandaloso. O que interessa aí, não é o mar verde, ondulado, as ondas brancas, batidas, chelas de espuma... Não. Aí, o que está em primeiro lugar, antes mesmo da hora do banho, é a hora do jogo, e antes do duche, do sol, da fricção — o *swings*, o *cock-tails* e a *intrigantia*.

Para isso — que é, afinal, o cartaz turístico de todas as praias chiques, que podem oferecer de interessante as nossas praias? Tudo! A *côr* do mar, sempre azul, prateada dos raios do sol — a *côr* do céu, de sol a pino, um manto de sonho no horizonte, e sobre o estendal da areia, os olhos das mais lindas raparigas de Portugal. Dá gosto *vai-las correr*, estuantes de mocidade, a sua ligeireza de movimentos, sob

os fatos de banho, e uma alegria forte, dinâmica, energética, que é a cera, verdadeira, como o fogo que subtrai a sua alma de moções.

As nossas praias têm, ainda, como a decór-la, o sentido verdadeiro de desporto. Não há a preocupação de cada um mostrar que sabe *cravado*, *bracado* ou *costado*. No mar, cada banhista faz os movimentos instintivos que sabe. Se lhes apetece cair em cima das ondas, com os braços à altura da cabeça, nem por isso são ridiculos. Ali não há nadadores, há banhistas. Os saltos da prancha, os passeios no *shots* ameziam um pouco esse decidido desportivo se não saber nadar.

Mas em contrapartida, todos sabem jogar ao prego, dar cambalhões arcaicos e fazer elevados castelos com a areia...

De tudo isto, que bem pode ser a alegria das nossas praias, resulta um encanto irrealizável da nossa gente — expansiva e alegre — mas um lado nada desconfiado... Essa maneira de ser, porém, é um pouco atenuada nas praias, pela alegria que o sol a todos ensina, dando, de próprio, o melhor exemplo de vibração de *côr*.

E a *correr*, de manã, a Caparia e a Trararia — do outro lado do Tejo — é toda essa imensa linha de Cascais, polvilhada de praias, para encontrar, em todas elas, o mesmo suave encanto, a mesma franca alegria, moça e verdadeira, que nos enche de contentamento.

E a vida a pulsar ao sol, dedicada pelos mais lindos sorrisos de mulheres que Portugal possui — que sempre espalha, entre ondas, numa autêntica apoteose de *côr*, o vida e de alvória!

PANORAMA PORTUGAL FRANÇA

Carlos Ferrão, jornalista brilhante e escritor distinto, acaba de publicar um novo livro, pleno de oportunidade: «Como a Alemanha perdeu a guerra». Trata-se dum livro que é o mais atual, como todas as obras de Carlos Ferrão, e chela de interesse, pois vem esclarecer alguns pontos confusos do drama alemão — o drama dum derrotado.

Depois, a linguagem é fácil, a um tempo corrente e elegante, o que torna esta obra igualmente interessante para os vários sectores dominados por assunto tão palpitante.

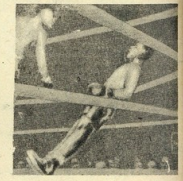
«Como a Alemanha perdeu a guerra», é mais que um bom livro: é um livro sensacional.

Laval, o homem mais odiado da França, depois do julgamento de 1945, condenado à morte, o marcial viu a sua pena comutada.

Laval aguarda agora julgamentos seguintes e talvez um momento de liberdade.

Como a Alemanha perdeu a guerra?

AMÉRICA



Isto aconteceu em Chicago. Um pugilista negro recebeu um tal «rectos» nos queixos e, como resultado, ficou com o estômago cheio. Mas, o mais curioso é que, três e grandes depois, ergueu-se e continuou o combate!

O entusiasmo deve ter sido indescriptível.

ARGENTINA



As cinco gêmeas de Dionne, de Canadá, cresceram. Mas já outras cinco gêmeas são apontadas ao mundo: as gêmeas Diligent, de Buenos Aires.

Quasi se pode jurar que as veremos em breve no cinema...

VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA
DIRECTOR:
JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORIA, LIMITADA

PRIMEIRA COLUMNA A guerra e a vida Por ANIBAL NAZARE

ANDÁ há poucos dias a guerra terminou e já se ouvem na terra, ainda fumegante, rescaldo dum incêndio que olhos humanos não tinham visto, os primeiros lamentos daqueles a quem a Paz — a ambicionada Paz... — prejudicou!

Já da América, oficina do mundo, gritam que mais de um milhão de homens que trabalhavam nas fábricas de material de guerra perderam o seu emprego devido ao fim da luta no Pacífico.

Assim o Homem, eterno descontente, aniquilou-se na guerra, quasi sem saber porque, e lamenta-se na Paz — porque a Paz lhe tirou o trabalho e o direito à vida.

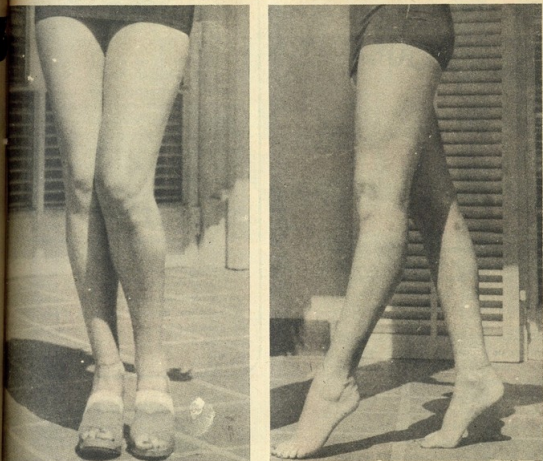
Em todos os países em guerra a mobilização resolveu o problema do desemprego. Enquanto milhares, milhões de homens se batiam na frente, outros tantos, mais talvez, lutavam nas oficinas e nos campos.

Esses homens regressaram agora a suas casas e vão juntar-se à enorme, à trágica legião dos desempregados.

Como vão os governos resolver o magno problema do desemprego — agora que a guerra, em boa hora terminada, a tantos dispensou da sua faina? A primeira ideia lembra-nos que ésses milhões de americanos, bons artistas e óptimos trabalhadores, em qualquer parte do mundo poderiam colaborar na reconstrução dos países arrasados da Europa. Mas depois, pensando bem, temos de concordar que, daqui a alguns anos, a Europa estará reconstruída e o desemprego voltará a ser o fantasma da América!

E daí — quem sabe se nessa altura estaremos em preliminares de nova guerra e os desempregados poderão regressar ao trabalho atarefado das suas fábricas, oficinas da América — oficina do Mundo...

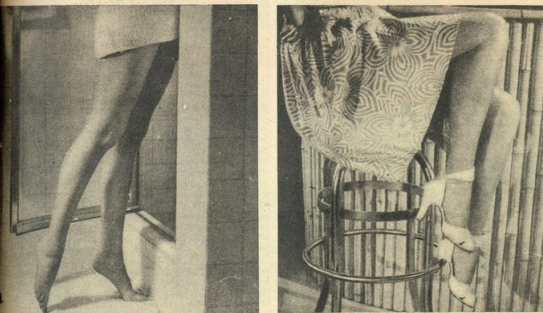
BETTY GRABLE



SEMPRE LINDAS, AS PERNAS DE BETTY ESTÃO SEGURAS EM MILHARES DE DÓLARES...



DESCANSANDO, DEPOIS DA GINÁSTICA... AO LEVANTAR DA CAMA... NA PRAIA...



NO BANHO...

NO BAR...

AS PERNAS MARAVILHOSAS

ESTAS
E

ESTILOS

POR ANTÔNIO RUAS

PARECE que no campo propriamente dito das idéias, pouco se terá descoberto de há uns três mil anos para cá. Em Platão e Aristoteles, há um sistema completo de filosofia, e a pouco se terá acrescentado. No mestre ateniense, nós vemos normas educativas que hoje passam por novas, quando são velhas: a igualdade de possibilidades educativas para todas as crianças, os jardins de infância de Pestalozzi, a religião como base educativa, a carreira aberta aos talentos, como Napoleão; vemos o sugestionismo, o pan-helenismo, hoje pan-europeísmo, a economia dirigida, o imposto de rendimento, a condenação da plutocracia, dos imperialismos, até a própria psicanálise e a cura pelo espírito. E Aristoteles com a sua criação da lógica, com a sua criação da ciência, com os seus conceitos sobre política, quem é que excedeu? Quem melhor conheceu o mundo e a alma humana do que estes dois portentos, que ainda hoje são os faróis da nossa inteligência?

Isso é para se dizer que as idéias são quasi tão velhas como o mundo, conforme o parecer de S. Agostinho. O que varia nelas, não é propriamente a sua substância, mas o seu modo de expressão.

Já tenho ouvido dizer, a propósito de certos homens dotados de meios superiores de expressão, que o seu estilo anda à procura duma idéa. Isso parece, à primeira vista, um dito sentencioso e justo, mas, decerto, que não é. Em primeiro lugar, como as idéias são velhas, de pouco vale a sua simples enunciação. O que vale é o seu estilo, a sua expressividade, o modo por que são apresentadas. Porque em tudo o que se escreve ou escreve, há, pelo menos, duas significações: aquela que vai directa ao raciocínio, a expressão verbal, e a que impressiona a sensibilidade, a expressão musical. Bergson vai mais além. Porque, diz ele, o estrangeiro não está habituado ao ritmo musical duma língua estranha, que lhe passa despercebido. Por consequência, além da música da frase, da harmonia material dos sons, há sempre alguma coisa. «A harmonia que éle procura (o escritor)», diz Bergson, «é uma certa correspondência entre as léas e vindas do seu espirito e-as do seu discurso; correspondência tão perfeita que, levadas pela frase, as ondulações do seu pensamento se comunicam ao nosso, não tendo então valor cada uma das palavras tomadas individualmente, nada mais havendo que o sentido movente que atravessa as palavras, nada mais que dois espiritos que parecem vibrar directamente, em unísono um com o outro.»

É esta espécie de estilo, a que poderemos chamar vibratório, que possuem certos escritores, a quem a critica nega primazia. Taine diz que Walter Scott escreve mal. Stephen Zweig nega estilo a Balzac. Podará nestes dois eminentes escritores não haver certa música de linguagem, o que aliás é difficil de perceber a um estrangeiro, mas é soberano nêles o ritmo do movimento das idéias. O mesmo ou quasi o mesmo dizem os ingleses de Byron: estilo deficiente.

Mas ainda há, a meu ver, outra espécie de estilo, a que chamam estilo esotérico. Por exemplo, o estilo de Alcorico. Nós, cristãos, achamos esse livro um amontoado de coisas sem nexo, sem valor, inteiramente áridas. Mas o que é verdade é que esse livro dinamizou uma raça, levou-a dos confins da Arábia até à Índia, até à Ásia Menor e ao Norte de África, com um pé assente na Península Hispânica, pronta a avassalar a Europa pelo Occidente como depois avassalou pelo Oriente. Que produziu uma cultura embora transmitida, e que criou uma arte inconfundível. Que foi um livro ensinado e comentado nas universidades árabes e ainda hoje o é. Se o Alcorão para nós não tem sentido, tem-no, e profundamente, para os muçulmanos.

Todo o homem de talento sabe que há meios de expressão que exprimem mais do que sugerem. É claro que o seu poder de sugestão se não exerce universalmente, que só consegue penetrar em certos espiritos ou em certas raças. E o que se dá com certos livros de filosofia e com certos livros religiosos do Oriente. Talvez que esta espécie de estilo seja a superior. Em vista dos efeitos que produz, deve sê-lo incontestavelmente.

Mas talvez possamos ainda ir mais adiante. É dizer que o estilo de quem fala ou escreve pode estar, além da léia que pode ser stória, além da musicalidade da frase, além do poder de sugestão transmitido, naquilo a que Kayserling chamou *música da personalidade*. Essa magia é tão poderosa que, depois de impressionar e comover uma geração que conheceu o iniciado, se transmite magnificamente a gerações distantes que o não viram.

Tal é o caso de Cristo, de Buda e até do próprio Moamé. O que disseram estes indivíduos é inseparável da sua personalidade. Só

(continua na página 10)



DE CANTORA DE ORQUESTRA A VEDETA DE CINEMA

O leitor ficará admirado se dissermos que já a viu! Porque não se recordará, certamente, do rosto desta lindíssima mulher, tão bela como elegante. E, no entanto, foi através do cinema que a conhecemos...

Explicamos o mistério! Maria MacDonald era cantora de orquestra de Jimmy Dorsey. Orquestra famosa, que vimos em «Marido por Acidente» e noutras comédias musicais, exibidas, entre nós, na presente temporada. A um sinal de Jimmy, Maria levantava-se do seu lugar e vinha, à frente do microfone, cantar a sua canção. Depois, nada mais...

Um dia os produtores notaram-na. Consideraram a sua elegância. A distinção. A beleza dum tipo fora da série. E chamaram-na para pequenos papéis, onde quer que a sua figura decorativa se ajustasse... Maria MacDonald estava como dantes... Continuava anónima, apagada, desconhecida.

Mas Hunt Stromberg reparou nela com mais insistência. A intuição do grande realizador disse-lhe que estava ali uma vedeta. Confiou-lhe um papel de mais relevo em «Guest in the House». Foi um êxito. E Maria MacDonald, dum golpe, ascendeu a estrela. Vai ser agora, finalmente, uma rapariga célebre. Hollywood confiou-lhe o principal papel de «A Vilvilinha». E, paradoxalmente, Maria vai tirar o véu da cara...

NOTA DA SEMANA

Notícias de Barcelona, dizem que Artur Durr filma «Es peligroso asomarse al exterior». Intérprete, Erico e Oscar de Lemos figuram no elenco. Os nossos artistas têm estranhado o horário do estúdio, pois trabalham das 2 da madrugada até à manhã, para se aproveitar as horas em que a energia eléctrica. As restrições de consumo, ordenadas pela seca, fizeram do cinema uma profusão de tresnolados.

A carência de filme virgem em Espanha — o qual como em Portugal e, decerto muito, nos próprios centros produtores — e as restrições da energia eléctrica continuam a ser responsáveis por crise de actividade que a indústria cinematográfica do país vizinho atravessa.

Com as primeiras chuvas, o último inconveniente desaparecerá. Mas permanece, em ansiosas interrogações a que ninguém responde, a falta absoluta da matéria-prima n.º 1 que a indústria de filmes consome.



Dira-la até certo ponto, uma réplica da Maria MacDonald, não, chama-se Evelyn Ankers e é uma rapariga talentosa que Hollywood foi buscar aos paises «Broadway». Nova, bonita e elegante — Lisboa com a sua já do filme de Deana Durbin, «A Irmã de...» Criadora.

ESTRANHO CRITERIO

A QUELES que percorrerem as pequenas cidades, vilas ou aldeias de Portugal ficarão assombrados com os aspectos de que se revestem os espectáculos cinematográficos nas localidades que se dão ao luxo de ter um cinema, por mais modesto que seja. Salvo raras e honrosas excepções — aparelhagens, instalações, programas e publicidade não conseguem satisfazer, por muito pouco que possamos exigir das condições do meio e, consequentemente, das possibilidades da indústria.

Não vamos insistir em factos que são do conhecimento de todos, e por hoje queremos apenas referir um aspecto, que explica, até certo ponto, a apatia em que se caiu e o paradoxal retrocesso que se nota por esse país fora, nos domínios da exhibição de filmes.

Não construí uma casa de espectáculos quem

querer. Pelas burocráticas de toda a ordem, inutilizam os esforços de iniciativa particular e condemnar a inevitável malogro quantos projectos se acalentam no sentido de elevar o baixíssimo nível da indústria no nosso país. Condicionamentos rigorosos, exigências e imposições, ditadas por propósitos que nos abstemos de reeditar e discutir, são responsáveis pela circunstância, verdadeiramente assombrosa, de Portugal ter hoje quasi tantos cinemas como tinha há vinte e tantos anos. Com a agravante de que as casas de espectáculos, construídas então, envelheceram e, dum modo geral — porque há excepções também — não acompanharam o progresso registado no capítulo de melhoria de aparelhagem e instalações. Creemos que a razão principal de semelhante paradoxo reside na excessiva protecção, concedida àquelles que, em certas localidades, beneficiam dos direitos de um alvará para exhibição de filmes. Se não somos adeptos da concorrência desenfreada e desordenada, que conduz à ruína — parece-nos igualmente intolerável a protecção que não imponha exigências, capazes de defender o público da ganância ou do desleixo daqueles que não se sabem manter à altura dos direitos, que lhes confere a invejável situação de quem está só em campo...

Um exemplo sucinto, para ilustrar a afirmação.

Numa das praias, a dois passos de Lisboa, há uma sala pre-histórica, que dá espectáculos cinematográficos. Um grupo de capitalistas pretendeu construir, nessa localidade, uma casa à altura das exigências dos nossos dias. Encetadas as negociações preliminares, verificou-se a impossibilidade de prosseguir. A pretensão foi negada com o fundamento de que, na localidade em questão, já há um cinema a funcionar. Os requerentes não se deram por vencidos. Procuraram o dono da esplanca e propuseram-lhe a compra pura e simples, para ficar na posse do alvará. Com aquela expertise saloa que é apágnio do bom comerciante português, o proprietário viu ali um negociante de mão cheia... E fez o seu preço — como se a sala fosse um grande cinema de Lisboa...

Resultado: na praia a que fazemos referência, continua a funcionar o barraco, e aquelles que pensavam construir uma casa de espectáculos digna da terra e da gente que ali vive ou se encontra em vigiliatura, tiveram que desistir. Estará isto certo? Creemos que não. Se se applicasse idéntico critério às restantes actividades, não sabemos o que seria do mundo, mas temos a certeza de que a humanidade andaria coberta de telas de aranha e de bolor...

FERNANDO FRAGOSO



DE QUE
ESTARÃO
ÊLES A
RIR-SE?

A história foi contada por Pedro Navarro, o novo galã do cinema português que se vê à direita. Vergílio Trinceta e Leonor Mals chegaram-lhe aplausos de graça. E ainda estão a rir... No entanto, não pene o leitor que o fotógrafo surpreendeu os três artistas, num recanto do estúdio, durante o intervalo da filmagem. A imagem pertence a uma cena de "Ladinos", Trecho-tes, que Jorge Brum do Canto está a dirigir nos estúdios da Companhia Portuguesa de Filmes, do Lusitão. De que estarão eles a rir-se? — Insiste o leitor, Espere pela estreia do filme e não tentará em saber...



Depois que a viram em «Um Baio de Luz» chocou as cartas dos leitores e pediram: Publiquem uma boa foto de Ann Sheridan. E um leitor, lembrando-se certamente do calor que tem feito estes dias — pois não vemos outras razões que justifiquem a preferência — acrescenta: uma boa foto, «mas em foto de banho».



Dentro de breves dias as folhas das árvores começam a amareloecer. A Primavera continua através destas flores perfumadas, que abrem as pétalas em sinfonias de cor. Lorraine Day parece feliz só de olhar para elas. E na moldura da janela de sua casa, o conjunto direccia uma alegria da paz — a miragem d'um mundo que o tempo levou...



Forster parece destinada ao cinema a vaga deixada em aberto por Marília Egerth, que inexplicavelmente se afastou da tela, após duas tentativas infelizes em Hollywood, para retomar a posição que conquistara na Europa.



Até, no mundo dos cães, a sorte comanda os destinos. Qual é o cão que pode gabar-se de tratamento igual: ser escovado pelas delicadas mãos de Irene Dunne. Qual é o cão?... Mas estáo a vê-lo. A instantane vedeta tem por ele uma ternura muito especial e não sabemos se a mesma tem origem no facto de conhecer bem os homens...

UM CONCURSO TRIUNFANTE!



Enlize Tristão Monteiro, Leopoldina Ferreira, Constança Cala prz, Matilde Assunção, Jélia Mannela Esteves Tomé, Marieta Passos Esteves do Nascimento Cabral.

SEIS RAPARIGAS ENGRAÇADAS PRECISAM-SE

DIA-A-DIA aumenta o interesse das raparigas portuguesas que querem fazer Cinema, pelo nosso Concurso «Seis raparigas engraçadas, precisam-se!», no qual, em colaboração com «Atlante-Filmes», procuramos escolher seis intérpretes para o novo filme português «Matinée às 4».

Como já dissemos, trata-se dum filme musical, que Santos Mendes vai dirigir, com argumento, diálogos e versos de Amílcar Nazaré, e seis papéis — que, possivelmente, acabarão por ser oito ou dez — estão reservados exclusivamente para leitoras de *Vida Mundial Ilustrada*.

Como já informámos também, as concorrentes deverão ter — ou aparentar — entre catorze e vinte e dois anos.

O concurso devia encerrar-se neste número, mas a pedido de algumas concorrentes que pretendem tirar novas fotografias, resolvemos prolongá-lo até ao próximo dia 13 de Setembro — que, esperamos, não seja considerado pelas nossas leitoras dia de azar...

Tornamos a lembrar que as fotos podem ser do formato postal ou aproximado.

Se muitas fotos recebemos, estamos certos de que muitas raparigas portuguesas que sonham com o Cinema faltarão à chamada! Já as aguardamos, na certeza de que, pelo menos seis papéis do novo filme serão interpretados por leitoras da nossa revista!



Pilar Palácios Perez, Eulália de Oliveira, Rita Schmelzitz e Maria Fernanda Pinto.



OLHEM

PARA ESTAS
FOTOS
E DIGAM-NOS:
—COM QUEM SE PARECEM
ÊSTES DOIS CAVALHEIROS?...

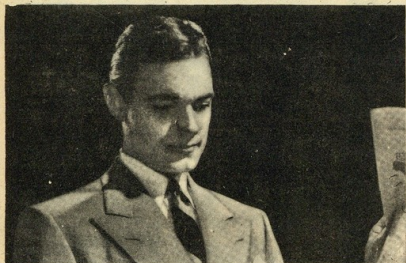
PASSAMOS diariamente pela nossa mesa de trabalho inúmeras publicações de todo o mundo — e de todos os géneros. Pois há dias sucedeu-nos uma coisa curiosa.

Folheávamos uma revista americana quando deparámos com duas fotografias, em páginas diferentes, de publicidade. E imediatamente reconhecemos nos indivíduos que anunciavam, numa um remédio para a caspa, noutra os primeiros de execução de um conceituado alfalate, a pessoa que os leitores também terão pensado, ao encararem as fotos que ilustram este comentário — desde, evidentemente, que tenham a sua fisionomia bem presente: o cançoneta Curado Ribeiro!...

Quere dizer que em Nova-York existem dois indivíduos extraordinariamente parecidos com este artista português.

Se Curado Ribeiro amanhã fosse para a América do Norte — hipótese viável, uma vez que tem anunciado o propósito de dar um pulo às terras de Santa Cruz... — e se lhe pedissem de um momento para o outro fotografias para a sua propaganda, caso as não possuísse — hipótese pouco de admitir... — poderia perfeitamente, sem escândalo, servir-se de uma das que aqui apresentamos, com ligeiríssimos retoques, que na América ninguém daria pela manobra...

...E se no instante da partida qualquer contratempo o impossibilitasse de seguir, ainda poderia ter o recurso de ser substituído no outro lado do Atlântico por um dos dois asiáticos, caso estes, claro, estivessem pelos saltares, soubessem cantar e fossem também, de certo modo, semelhantes na voz, o que não sendo impossível, constituía já um cortejo interminável de coincidências...



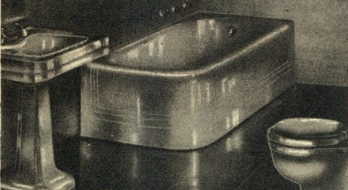
PINTA PRETA
GRANDE MARCA DE CHOCADEIRAS

Esta senhora está escrevendo uma carta ao marido pedindo-lhe uma Chocadeira «Pinta Preta», pois deseja povoar a sua capoeira com aves de boas raças.
Há modelos para 75, 100 e 200 ovos que se vendem aos preços de 1.200\$00, 1.500\$00 e 2.500\$00.
Todos os pedidos devem ser feitos a

CARLOS PINHEIRO

Rua Mouzinho da Silveira, 150 — Porto
End. tel. «CAPIN»

O essencial
para uma boa habitação



UMA INSTALAÇÃO
da casa MÁRMORES DE SOUSA BATISTA, L. DA

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30 — LISBOA
TELEFONE 2 7643



Uma rua de Buarcos

BUARCOS

CANÇÃO DO MAR

POR
CARMINÉ
NOBRE



BUARCOS foi feliz na sua escolha: deitou-se à borda do mar, adorneceu encostado à formosíssima Serra da Boa-Viagem e, quando acordou, vestiu uma camisa de xadrez e ficou-se a cantar baladas de amor e preces de fé.

Assim nasceu este lindo pedaço de terra portuguesa, e assim tem vivido no seu ambiente castiço, e certamente será eterno no rico pitoresco de gente da borda-de-água.

Buarcos é, sem dúvida, uma das mais belas expressões da vida piscatória portuguesa. Homens e mulheres, batidos pelo mesmo sol, pelo mesmo destino de bonança ou de tempestade, constituem um aglomerado ribeirinho com as tradições mais vivas da gente da beira-mar. Ali se canta a vida quando o mar a dá; ali se chora a morte quando o mar a quer. E é neste cantar, neste choro, que a gente de Buarcos segue o seu destino, um destino talhado nos caprichos das marés e na Rosa dos Ventos.

Num dia já longínquo, o céu do mar matou um homem de Buarcos. Apanhou-o no alto e, à falsa-fé, agarrou-se a ele e nunca mais o largou. Buarcos, desenhou-se em choro e voltou-se para Deus. Foi-se ao seu monte mais alto e ergueu capela bonita com promessas para sempre: *«enquanto houver neste mar a alma dum pescador, nunca faltará um cordão de ouro a esta senha»*. Vai ao altar florido e pranta-lhe lá a Senhora da Encarnação.

E para que a Santa se lembrasse, em seus milagres, da gente de Buarcos, logo os pescadores lhe botaram romaria afamada, que não tem igual naquelas dez léguas de areia. Buarcos, desde então, passou a tratar por «tua» a sua santa padroeira...

Junto da capela da Senhora da Encarnação existe o Museu da Santa, que é um testemunho admirável da ingenuidade e da crença da gente de Buarcos. Como expressão popular não conhecemos coisa semelhante, e como nota pitoresca da nossa gente é verdadeiramente um documentário valioso.

Neste Museu encontram-se as mais variadas oferendas à Senhora da Encar-

(continua page 16)



No praia, raparigos jogam a pelota



Raparigos de Buarcos, com os seus típicos aventais bordados



Pescadores, no arranjo das suas rédes



Doas engraçadas peixeiras de Buarcos

U CA

POR CEZAR PETRESCU

TRADUZIDO DO
ROMENO POR
V. Buescu e R. Claro

ERA um ser medroso, há pouco arrancado à cama quente da cama, de olhos úmidos e de pernas delgadas e tão frágeis, que a todo o momento esperava-se vê-las ceder ao peso do corpo.

Depois das primeiras cartelas que faziam arrastar o pélo no seu corpo assupido, fugiu para as sarças de fambroze, em volta das escadas e escondese ali como em não sei que secreto abrigo de floresta.

Mas tornámo-nos depressa bons amigos.

Ela tinha vivido muito pouco nos bosques. A celha do leite conseguira substituir, depois de alguma hesitação, a terra materna. E como o hábito no força a designar todos os seres familiares por nomes mais ou menos obrigatórios pelo uso dos séculos, as crianças encontraram-lhe um ingênuo e concorde com a rapidez vertiginosa com que ela atravessou o jardim, no seu primeiro medo, arremessando-se para os braços de arbustos de folhas enredadas...

Baptisaram-na então: *Naluca* (*).

(* Em romeno: «Aparição».

O acontecimento teve até uma certa solemnidade. Gigi trouxe o crucifixo de metal branco, e Zoé arrenegou três vezes Satan para o resgate da prisioneira das florestas tornada cristã. *Naluca* bateu-se duas vezes com duas porções de leite, coisa que lhe fez sem dúvida reconhecer os privilégios do cristianismo perante os outros credos.

Desde então, *Naluca* tornou-se o único cuidado das crianças e o tirano do pélo.

Os cães ficaram presos dia e noite, e surpreendidos com este regime sem precedentes na curta história da sua existência até aí livre puseram-se a ulvar todas as noites, com aquela solidariedade energética e infatigável que caracteriza todas as reivindicações de igualdade. Os outros seres do pélo: os dois gatos tigrados, o pavão solitário e enfatuado, o peru soprando de indignação, o bando de ganancos que vociferam ofendidos, não logravam nenhuma atenção e ficadricidade comum, em que as brincadeiras das crianças não lhes perturbavam a digestão.

A ferazinha cresceu assim no seu cativeiro doméstico, entre o estábulo e a cozinha, subindo a escada e caracolando entre as árvores do jardim, com uma alegria e uma resignação que nos primeiros momentos me encantavam, mas que em breve acabaram por me entristecer.

Ela vinha com demastadas meligues cheirar-me a mão, quando aí eu a levava o torção de açúcar. Participava com demastada submissão nas brincadeiras das crianças. Misturava-se demastado com os outros animais, como um vulgar animal doméstico.

olhas direitas para absorver os ecos, aquela silhueta de estampa de caça, a que só faltava a aparição esbelta de Diana, com o carcaz de flecha.

Mas alguns instantes depois, dirigia-se para outros sons que a atraíam doutra maneira. Era o barulho das facas na cozinha, onde ela sabia que a esperava a celha do leite.

No entanto, na primeira noite em que nos encontramos fechar a porta, encontrei a sua cama vazia. As crianças procuraram-na em vão, remexendo todos os recantos do jardim, e em vão tiveram a esperança de encontrá-la alguma, na vizinhança. A floresta tinha-a engolido sem rasto. E, apesar da inconsolável tristeza das crianças, eu não podia esconder uma ingênua e infansada alegria.

A cativa tinha-se reabilitado. Os cães, sótos da cadeia tornada inútil, cessaram com o concreto noturno. As crianças voltaram aos gatos resignados, ao papão espicado no cimo do celeiro, ao peru que se refugiu debaixo do alpendre espirando de indignação, ao bando de ganancos que se lamentaram batendo as asas brancas.

Naluca foi esquecida. Na sua cama com a satisfação dum mártir enfim compreendido, o cão que tinha suportado, durante quatro meses, o humilhante regime da cadeia, instalou o quartel de noite.

Quando elle apolava as patas no meu peito, agitando a curta cauda em sinal da mais ilimitada alegria, parecia-me ter nos seus olhos humildes e submissos uma censura cheia de perdão.

— «Vês, só nós ficámos fiéis! Nada nos pôde afastar da tua casa, onde a cozinha nos atrai hostilmente com bocados de madeira, as crianças nos ofendem nas suas brincadeiras, cobrindo-nos de ridículas vestimentas de palhaças, e cede Jon, o cocheiro, experimenta o hocate nas nossas costas, quando volta bebado da taberna de Hasca!»

Mas «Bobs», bebado, não tinha graça nenhuma. Não passava, como sabes, dum cão vulgar.

Ontem à tarde, voltava eu do colmeia de Margineii, cortando caminho através do bosque. Tinha cheirado nessa manhã. Das folhas

caíam ainda gotas de cristal. O alinho pouco frequentado entranhava-se em balseiros úmidos. Entre altos picos, sobre os raios verticais, dançavam mosquitos dourados. Além do fino zumbido das asas e do tremor das folhas, não havia nenhum ruído. Aquela solidão solene e silenciosa, que torna a floresta muda à hora do entardecer, envolvia-me piedosamente, como sob a cúpula dum gigante catafalco.

Então, no alinho estreito, dirigiram-se para mim, sem rumor, duas vozes. Um voador e a sua fêmea.

Parei retendo a respiração. O encontro era tão inesperado... Eles pararam também, com um sobresalto de medo. E, num instante, o voador com os ramos dos ramos detidos para trás, precipitou-se para a folhagem sombria.

A companheira, porém, ficou imóvel. Seus olhos fitavam-me agora sem sem pavor, quasi com amizade. No meio da floresta, pareceu-me o repetir da aparição que convertera Santo Humberto. E reconheci com aquele bater de coração com que se encontra inesperadamente a amada perdida.

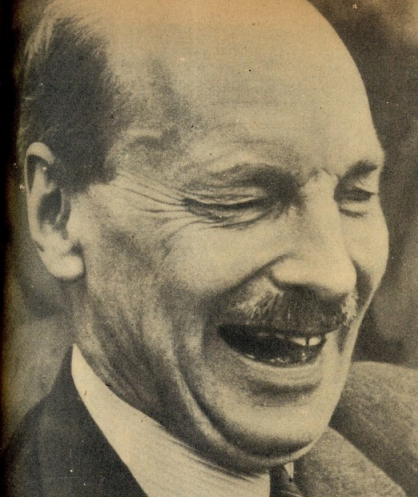
— *Naluca!*
Sem o querer, impellido pelo hábito antigo, estendi-lhe o punho cerrado, como a atraía outrora com o torção de açúcar escondido. Hestiu um momento. Deu alguns passos hesitante, conquistada talvez pela mesma recordação, que me tinha levado a estender-lhe, com um gesto familiar, o punho. Só estávamos separados por alguns passos para eu poder afagar o seu focinho imóvel, enfiar o seu pescoço cinzento, acariciar a cabeleira que ela outrora oferecia aos meus afagos. Alguns passos ainda. Dois, um...

E, bruscamente, *Naluca* despeçou o seu olhar dos meus olhos, mergulhou-o na floresta, explorou as clareiras. Voltou-se rapidamente nas pernas trêmulas e precipitou-se como uma flecha para as profundezas.

Diante dos meus olhos só ficaram os ramos a vibrar. A mão estendida após a sua sombra, caiu inerte.

E o atalho da floresta ficou de repente tão só... E o anoitecer ficou tão triste...





Clement Attlee começou a sua carreira política como presidente da Câmara Municipal de Stepney quando a outra guerra acabou, e foi eleito Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha poucas semanas antes de terminar a actual.

• POR JOSÉ CORREIA RIBEIRO •

TERMINADA final e definitivamente a II Grande Guerra, acumulam-se nos horizontes da Paz densas nuvens, sobrecarregadas dos complexos problemas que a guerra não conseguiu nem sobre resolver.

Durante a semana passada foram vários os acontecimentos que caracterizaram o panorama internacional. Entre eles destacaremos os que se nos afiguram de maior transcendência. Conseqüencemos por:

O PRIMEIRO RECONTO PARLAMENTAR CHURCHILL-ATLEE

Churchill e Attlee encontraram-se, pela primeira vez, após terem permutado lugares. O encontro, embora amigável, foi, sob todos os aspectos, sensacional, e era aguardado com justificado interesse.

Na sua nova qualidade de chefe da oposição, pósto que ocupa pela primeira vez na sua longa vida pública, Winston Churchill apresentou-se em magnífica forma e demonstrou, com facilidade, que os últimos acontecimentos não tinham, de modo algum, afectado o vigor e a energia, que foram sempre as características predominantes da sua forte personalidade.

Se bem que, no seu discurso tenha prometido leal e útil cooperação em todos os assuntos de política interna que pareçam bem conduzidos por parte do Governo, Churchill dissertou largamente sobre as questões internacionais, de acordo com o desenvolvimento que elas estão a tomar presentemente na Europa.

Mais uma vez criticou — e pediu explicações — a posição do professor da Universidade de Londres, Harold

A GUERRA E A PAZ NA VIDA MUNDIAL

Laski, perante o partido e o governo trabalhistas. Em seguida, referiu-se com ansiedade à transferência dos alemães, retirados dos novos territórios polacos, e ao estado da liberdade individual nos Balcãs. Depois, falou a respeito do prosseguimento de íntimas relações com a Rússia e, por último, confessou o seu implico desagrado pelo actual governo espanhol.

Em resposta, Clement Attlee fez um elogio generoso e justo ao seu antecessor, e anunciou que a resposta às questões levantadas por Churchill seria dada muito em breve pelo novo ministro dos Negócios Estrangeiros, Ernest Bevin.

Por conseguinte, aguarda-se um novo debate, cheio de interesse, no qual tomarão parte o referido ministro e Anthony Eden.

A SITUAÇÃO DA CHINA

A Rússia e a China assinaram um tratado de amizade e aliança referente a todos os assuntos de interesse comum, o que foi considerado mais um passo em frente para a regularização pacífica do Extremo-Oriente.

Porém, há certos aspectos da organização interna chinesa que preocupam bastante quem não pode nem deve esquecer o facto da China estar dividida e enfraquecida, ter sido a desculpa que proporcionou a realização dos desígnios agressivos do Japão.

A falta de coesão entre o Governo Central chinês e a administração de Yenan, durante os últimos anos manifestadamente predita apesar da existência de interesse comum na expulsão dos japoneses, piorou definitivamente e perigosamente.

O general comunista Chu Teh proclamou o direito de aceitar, em nome da administração de Yenan, a rendição de quaisquer forças nipónicas durante a ocupação das posições-chaves de Peiping e Tientsin. Para justificar a sua atitude, comunicou às embaixadas americana, britânica e soviética em Chung-King, que negava ao Governo Central o direito de representar a China nas negociações respeitantes à derrota do Japão. Perante este desafio, Chiang-Kai-

Shek convidou Mao Tse-Tung, que é considerado o melhor chefe do Yenan, a vir discutir amigavelmente em Chung-King, os assuntos pendentes.

O tratado russo-chinês colocou, todavia, o Governo Central da China numa posição extremamente forte, visto que deste modo os comunistas já não podem contar com o reconhecimento internacional.

Ultimamente, o governo de Chung-King transformou-se, de facto e de direito, no principal centro da reorganização política, militar e económica da China, e a próxima promulgação, em Novembro, dum constituinte democrático garantirá aos comunistas o reconhecimento do respectivo partido político.

Em vista destes acontecimentos, é considerado, por todas as Nações Unidas, absolutamente inadmissível a formação dum governo rival comunista no Yenan.

O NOVO PLANO QUINQUENAL DA U. R. S. S.

Segundo se anuncia, a Comissão Central do Partido Comunista e o gabinete de Moscovo pediram às diferentes repartições do governo e aos governos das Repúblicas que lhes submetessem um quarto Plano Quinquenal, que será iniciado no próximo ano e terminará em 1950.

Este novo plano, segundo os correspondentes estrangeiros na capital soviética, divide-se em duas partes:

1) Reconstrução das áreas arruinadas pela guerra e desenvolvimento da economia nacional.

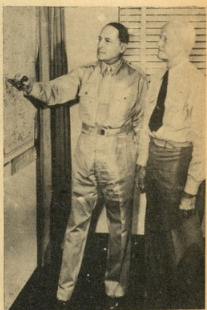
2) Reconstrução e desenvolvimento dos transportes ferroviários.

A guerra reduziu a economia russa a um nível inferior ao de 1941, e o objectivo do novo plano é conseguir ultrapassar o limite industrial e agrícola anterior ao conflito.

As áreas escolhidas para o novo desenvolvimento soviético serão a Silésia, os Urais e os Dombas.

O ponto fundamental do plano é a produção de aço, a qual atingirá durante a guerra os 15.000.000 de toneladas por ano. Em fins do próximo ano, deverá atingir os 20.000.000, ou

(Continua na pág. 14)



1) O dr. T. V. Soong foi o grande impulsionador e o verdadeiro artífice do novo tratado russo-chinês. — 2) Estaline, como secretário geral do Partido comunista russo, e Molotov na sua qualidade de comissário dos Negócios Estrangeiros, são, actualmente, os principais dirigentes da política externa interna dos soviéticos. — 3) Estes são os dois chefes norte-americanos que levaram o Japão à derrota e se propõem assinar a paz em Tóquio.

JANELA ABERTA O HOMEM E O ADJECTIVO

POR MANUEL MARTINHO

QUANDO um dia deixar de haver, entre nós, aquella untuosa troca do elogio mútuo e o adjectivo laudatório voltar a ocupar o seu lugar, modesto e anónimo, veremos, então, desaparecer da face da terra uma constelação inteira de celebridades, que nunca foram estrélas, mas lampanas—e que, constantemente, brilhando com a luz alheia, se movem, em bicos de pés, com medo de ficarem esquecidas na sua pequenez.

Há, de facto, hoje um excesso de notabilidade. Todos se julgam distintos, seja no que fôr. E não é a primeira vez que a desesperada adjectivação, que campêla à rédea solta, tem classificado de insigne um habilidoso de piano—e de Mestre um hesitante discípulo de Heine-Artes—. Quando se trata dum escritor, isso então, senhores, bem pior. Há três adjectivos prontos a aclamarem as asneiras esperanças do novel animador dos prelos.

Desde o talento a affirmar-se ao já corriqueiro «enfim, um novo que surge», os escapateiros embebedam em arco, com girândolas de foguetório adjectivo. Ora isto, é bem verdade, desadrece. Quando aparece, na realidade, uma personalidade susceptível de marcar nítida posição, o público cruza os braços e diz lá com os seus botões: «Pois sim, ralatê! Es da força de fulano, que é um quadrúpede, caramba, chefo de talento!».

Quem tem culpa destes desmandos? Unicamente o compadrio—esta vizinhança mexeriqueira que traz a vida intelectual ou artística entre as acanhadas fronteiras dum círculo que todos frequentam. Um crítico certa vez olhando para a lombada dum livro que tinha um nome soante de misteriosa aventura, alça da pena e... vai disto, repuxa meia dúzia de linhas ao talento—tratava-se dum amigo—do «novel romancista poético que fez uma obra digna».

Evidentemente que o disparate era tremendo. O livro em questão, apesar de ter um título de suculento enredo detectiveiro, «Apareceu morta ao amanhecer ou coisa parecida, conta, incoerentemente, a paixão dum raparigueta do Minho que se afogou no Cavado numa manhã de sol, à hora da pesca do savel, porque êle, sem razão plausível, fugira de água com a Brigida de olhos em brasa».

Daquí se deduz, claramente, a facilidade extraordinária com que se emitem opiniões lézeca de tudo. Bem sabemos que os adjectivos não servem para outra coisa—e não custa muito dispensá-los—e até—vamos lá com Deus—ajudam, de certo modo, a ornamentar a prosa. Com dez adjectivos, três frases retorcidas, duas imagens de almanaque e uma imaginação curta metê-se qual-quer cavalheiro a certir uma novela de remate catão, como diria o Eça. Mas, senhores, êsse floreado o que interessa?

Vamos, então, com um pouco de decência, pôr um dique nessa onda alterosa da adjectivação.

Qualquer dia já ninguém, ao pretender falar dum valor, com o uso da «caixa alta» e os superlativos todos gastos, sabe como o há-de apresentar. E talvez se diga aquêlle lugar comum:

—Aquí está fulano, que não precisa de apresentação!

DUAS imagens do grande incêndio que destruiu os armazéns da Manutenção Militar em Albandara, que ocupam uma superfície de 2.500 metros quadrados. Os prejuizos foram de milhares de contos e registaram-se vários desastres pessoais.



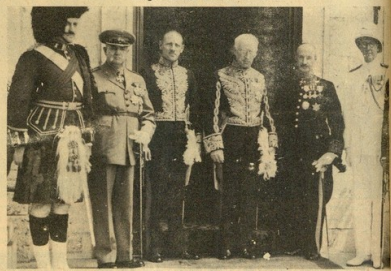
NA Casa das Beiras realizou-se, com grande brilhantismo, um sarau comemorativo do 38.º aniversário da fundação da Companhia de Seguros Comércio e Indústria. Na festa, que foi promovida pelo Grupo Desportivo da Companhia, t o m a r a m parte muitos artistas de Teatro e da Rádio, seguindo-se um animadíssimo baile.



O sr. Presidente do Conselho presidindo ao acto de posse dos Comissários dirigentes da União Nacional.



O sr. Presidente do Conselho presidindo ao acto de posse dos Comissários dirigentes da União Nacional.



O sr. Owen O'Malley, entregou, há dias, no Palácio de Belem, ao sr. general Carmona, os credenciaes que o acreditam como embaixador da Grã-Bretanha junto do Governo Portuguez.

PARAS AMOROSAS POR EMILIA DE SOUSA COSTA

DESDE que os humanos descobrirem o processo de transmitir os seus pensamentos por meio da linguagem escrita, logo o utilizaram para enviarem ao longe as suas mensagens amorosas. E, conquanto os tejos constituissem material pouco delicado para nêe aderearem as asas da paixão e excessivamente duro para nêe se gravarem as harmonias subitas das graças etêreas, a argila serviu a gregos e gregas, em seus transportes de amorosa epistolografia.

De certa data em diante, gregos e romanos usaram o papiro—mais portátil: do que o tejo, mais flexível e logo mais apropriado a envolver os rebuçados de amor.

Afirmam-se, e não custa a acreditar, que pertenceu a certo enamorado de formosa princesa egípcia, a prioridade na escrita das cartas amorosas, há quatro mil anos. Encontram-se esse primitivo espécime de literatura sentimental, num dos museus londrinos. Se não possue como divisa nenhuma das siglas dos nossos campônios enfeitados pela esbelteza desenvolvida de alguma raparigueta— a pombinha de assas evocantes, a segurar no bico o facão incandescente da escrita aviventadora que vai porer de mãos do meu bem, nem os dois corações unidos e palpitanes, atravessados pela fúria do cruzar amor que a frase do poeta — *di tacuim si posse, é, pelo menos, uma carta de pélo...*

Gravada em caracteres uniformes, segundo asseveram doutos arqueólogos, reza assim, na simplicidade e concisão dos que vêem o mundo sem perturbadas:

«Que o deus Sol e Maeduk te conservem a vida para sempre. Escrevo-te para saber se a tua saúde é boa. Envia-me notícias tuas. Vê, há poucos dias, mas de longe, e isso causou-me grande pena. Escreve-me, dizendo quando virás. Vou no mês das festas. Que o meu amor te dê a eternidade, contanto que tu conserves também a mim».

No século XII, em França, marcaram lugar destacante as cartas da desventurada Heloisa, dirigidas ao egoísta, ambicioso e antipático Abelard, indigno de tão excoço amor. Documentos de rara beleza de alma, de finíssima elegância literária, re-veladores de illustração notável, são bem longos, porém, não que no século XVII glorificaram a alma amorosa da portugueza — as de Mariana Alcoforado. Estas sim. Prémios de dor, estos crepitanes de fogo, a espi-ralarem da gracil, desativada, a multitudine espontaneidade expressiva. As palavras jorram da alma em delírio, alucinadas, semi nêco, des-primadas, nos desvalios eloquioses de amor que brota impetuosamente da massa ígnea dum coração ferido.

No século XVIII apparece, como a mais célebre, entre a autentica avalanche da epistolografia no gènera amoroso — Júlia de Lespinasse. Não nos entusiasma.

De asombrosa versatilidade, o objecto da sua exuberancia affectiva deslocava-se com a rapidez de avio-necta, em serviço aéreo de urgência. Por isso, as suas cartas, embora luctu-lem com raro fulgor literário, não possuem o dom de comovermos.

No número dos autores mais celebrizados, se não o mais afamado por sua erudição—deve citarse Belle de Zuylen, pseudónimo de Isabelle Agnès, ou Elisabeth de Tuyll, mais epistolografa amorosa, das mais conhecidas, escritora insigne, donatária de robusta mantença, nem sempre conservou o ritmo da sua dignidade de epusadora. A rutilancia inequivel da sua prosa não concepe harmoniosa, eficiente a cartiva almas. Sente-se que há pélo, há ardor, há no-vo avisos.

«A verdadeira subordinação aconselha que se atravesse vida em passo tranquillo, sereno-se, em cada idade, o que se deve, não se limitar o que se acaba de deixar e abandonando até a própria vida sem concessões».

Uma portugueza, por mal dos nossos pecados, nunca escreveu bem!



Três expressões da mesma criança? Não, leitor! Três irmãs gémeas! não! Apenas três irmãs portuguesas, que não sequeu só gêmeas!

(Fotos M. Santos Alves)

TRÊS IMAGENS DA CHEGADA DE JORGE ALVES

O POPULAR LOCU-
TOR PORTUGUÊS
DO PROGRAMA
"VOZ DA AMÉRICA"



NA Legação de França, realizou-se uma recepção aos representantes da imprensa comemorando o primeiro aniversário da libertação de Paris.

O ministro sr. Jean de Sault, num eloquente discurso, deu um resumo da vida a um tempo heróica e trágica de Paris, sob o jugo alemão, e das lutas e sacrifícios para que a cidade-luz voltasse a ser livre.



Reúnem-se há dias num jantar de confraternização alguns dos mais conhecidos amadores dos jogos de «damas», «xadrez e palavras cruzadas». Entre os assistentes vê-se o nosso colaborador dessa secção, sr. Teixeira Marques. Fizeram-se vários brindes, entre eles um à nossa revista.



A partida dos desportistas portugueses que foram disputar o Portugal-Espanha em náutico.

O sr. Artur Rebêlo, director do Estoril-Prainha, e o treinador Azinhala, despedem-se de Mário Simas e dos seus companheiros.



(1) A saída do «Clippers». (2) Cumprimnto do sr. Jay Costello, dos Serviços de Imprensa do Embaixado Americano. (3) O simpático locutor abraçando sua mãe.

OS "EXTRAS" DO TEATRO CÂNDIDA MARIA

UMA RAPARIGA QUE NINGUÉM
CONHECE, MAS QUE QUERE
TRIUNFAR!

QUEM vai ao teatro nem sempre repara — e se repara, é acidentalmente — num núcleo de raparigas ou rapazes que evoluçao nas peças, as animas, as agitas, lhas dá vida e colorido muito especial.

Pós essas rapazes e essas raparigas, que têm como todos os mortais, uma natural ambição, passam às vezes ao sem que o seu nome venha a público, se torne, enfim, digno de reparo. Por falta de mérito?... Nem sempre. Muito, sim, por carência de sorte e por não haver um *empurrão* dado a tempo e., com boas intenções...

É justo que falemos um pouco dos artilhões ignorados de muitas sucessos, desses «extras» — chamemo-lhe assim — que constituem um contingente tão numeroso como modesto...

Por exemplo: Cândida Maria. O nome nada sim ples de que não. E nada nos diz pela razão sim ples de que é uma autêntica estrepante.

Possu realmente valor? E cedo para que a crítica se pronuncie com segurança, tanto mais que o seu papel na opereta «Nazaré» é curto.

Quantas vezes, porém, um gesto, uma posição, uma inflexão, revelam o estófo de um artista, ou um conjunto de qualidades que, de principio em embrião, se desenvolvem depois com rapidez e... verdade!...

A persistência, o prazer da luta, a força de vontade, reflectem, também, um carácter especialmente talhado para vencer na vida.

Uma história, por breve que seja, pode ser um indicio, um sintoma de que o «mortal» possa ter mais bela luminosidade...

«...É a história de Cândida Maria — pelo bilhete do Arquivo, Maria Cândida Moreira — ouve-se de um fôlego.

— Sou do Pôrto. Mas tenho pena de ser nortenha, porque, logo em pequena, quando vim a Lisboa, passei a adorar esta terra. Preferia ser lisboeta, ainda que os meus conterrâneos nunca me tenham feito mal. Há muito tempo que eu podia ter enveredado pela carreira artística, que era o meu sonho. Bem sei que, com 25 anos, ainda não estou sequer a envelhecer, mas, enfim, podia ter começado mais cedo...

— Porque não começou?

— Resposta recusada de amargura: — Eu tive sempre uma decidida tendência para a música e para o canto. Mas a minha família, sobretudo da parte de meu pai, foi educada nos moldes antigos, rígidos, convencionais. Tudo parecia-me, tudo era atentar contra a moral, enfim, a ideia de que eu viria a ingressar na vida artística apaixonava-me. Meu pai pensava apenas em educar as filhas com os olhos postos no casamento. Enquanto não atingi a maioridade, estive metida no «espartilho». Também escolhi noivo, mas tanto escolhi que acabei por não casar. Sinceramente, essa ideia não me entusiasma por ora, e só a porei em prática se me aparescesse um ideal que justificasse o «serviço» de uma carreira. Isso não é fácil, dada a época de egoísmo e materialismo que varre o mundo...

Cândida Maria fala com desembaraço e é clara

nos seus raciocínios. A vontade, que constitui uma das armas para triunfar.

Continua:

— Lutei, lutei muito. Consegui o meu intento. No dia 11 de Agosto estrevam-me no teatro Apolo, na opereta «Nazaré».

— Absolutamente. O meu papel é pequeno, o que estava indicado para começar. Já tenho, contudo, a promessa de uma intervenção mais importante, na segunda peça.

— Que faz na opereta?

— Canto. O número que mais me agrada é o «Vira da Nazaré». Note, que eu também sou ballarina. E se interpreto canções ligeiras, é porque a lição me veio forçada, porque sou soprano lírico.

— Como posso atestar pelo meu cartão de artista...

— Que impressões teve na noite da estreia?

— Estava convencida de que me custaria a enfrentar o público. Com assistência, eu só cantara uma vez, e há anos, numa festa em S. Manuel (Pôrto). Quando entrei em cena, dominei-me. Simples e o melhor que pude. Tudo correu bem, felizmente, e agora, claro, vou sendo outra, dia a dia.

— Estarvo-me o mais possível por representar bem, num desejo que é lógico — não acha? — de progredir...

— Deverto, deerto. Quem é a sua professora?

— Maria Belisa.

Cândida Maria sorri:

— Creio que esse nome dispensa adjetivos, porque, por ela, falamos, ou antes, cantamos, muitas vozes que o público distingue.

— A propósito, gostaria de trabalhar na Rádio e no Cinema?

— Multiflexão. E tenho esperança de que hei-de conseguir lá chegar...

— Faz bem em ter sempre o optimismo por lema. E meio caminho andado para a vitória. É uma pessoa como você, que quer fazer carreira, não deve pensar de outra forma!

— Como corolário do nosso pensamento, Cândida Maria despede-se com uma declaração peremptória: — Estou firmemente decidida a continuar a vida artística!



A LAURA

FOTOS SERODIO



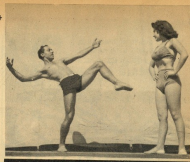
Laura Alves e Lindo Bero dão lição com o bailarino Constant...

A LAURA E ASSIM

ALEGRE, SIMPÁTICA... SEM PORTUGUESA

QUERE SER BAILARINA!

Se quiser ser Laura Alves, a simpática e alegre estudante de teatro teatro teatro, não há problema para a sua vida. Há uma para assim conquistar o sucesso do grande bailarino Constant, que, além de ser um dos melhores bailarinos do Brasil, não se dá ao trabalho de ensinar a dançar. Mas, depois, quando estiver no Rio de Janeiro, há uma escola de dança que ensina a dançar. Mas, depois, quando estiver no Rio de Janeiro, há uma escola de dança que ensina a dançar. Mas, depois, quando estiver no Rio de Janeiro, há uma escola de dança que ensina a dançar.



Aqui o teatro, o cinema, o rádio de sempre, os programas de profusão



Mais, no fim desta festa de teatro, o teatro está, realmente, mesmo assim? Não é impossível, que se realize, com o respeito, ao trabalho?

PARCE UM «TRIO» DE BAILARINOS ESTRANGEIROS, NÃO PARECE?



Que ela, aliás, já está muito



Admirar esta pose



a não deixar passar!



Se não quer a Laura Alves, uma bailarina estrangeira?



(Continua no pag. 54)

OS BONS PAIS VIVEM TRANQUILOS,
CONTRATANDO UMA APÓLICE
EDUCAÇÃO
DA IMPÉRIO



COMPANHIA
DE SEGUROS
—
RUA GARRETT, 56
LISBOA

IMPÉRIO

A Laura, quere ser bailarina!

(Continuação da página 13)

— A senhora está?
— Não está!
— Se calhar está na ginástica!
— Não está, não! Hoje não é dia!
Amanhã às 11 horas é que é!
— Depois — foi fácil. E apanhá-la
em plena lição, como as fotografias
mostram...

Mas o mais curioso é que a Laura,
surpreendida pela nossa visita, nos
confessou, com toda a naturalidade,
que anda a aprender dança, há um
ano, com o bailarino Constant (Con-
stantino Rocha, que foi do «Verde
Galão» e já depois vimos dançar, com
éxito, numa revista do Parque), sim-
plesmente — porque quere ser baila-
rina!

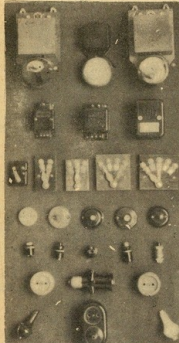
E esta! A Laura Alves não se con-
tenta em ser o que é: uma simpática
reparadora e uma alegre e talentosa
atriz. Quere ser bailarina!
— Enfim — ela já sabe, e nós, agora,
também já sabemos!
— Sufa, que estávamos cheios de
curiosidade!
— Na estreia do primeiro bailado lá
estamos, Laurinha!

O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL
A vender em todas as livrarias
Uma magnífica edição de
VIDA MUNDIAL

A ELECTROTÉCNICA BATISTA, SANTOS & C.A., L.DA

Rua da Glória, 29-37 — LISBOA — Telef. P.B.X. 2 9531



O MAIS MODERNO E
VARIADO SORTIDO DE
ARTIGOS E MATERIAL
ELÉCTRICO PARA USO
INDUSTRIAL E PARTI-
CULAR.

LINDOS CANDEIROS
DE TETO E DE MESA

ARTIGOS DE T. S. T.

NA NOVA SÉDE DA REPUTADA FIRMA

A ELECTROTÉCNICA
BATISTA, SANTOS & C.A., LDA.

ESTABELECIMENTOS E ESCRITÓRIO ARMAZENS E OFICINAS
Rua da Glória, 29-37 — Lisboa Rua da Glória, 6

A GUERRA E A PAZ NA VIDA MUNDIAL

(Continuação da página 9)

seja um quinto da produção norte-
americana durante os últimos doze
meses.

Os russos também têm muito pe-
tróleo e tencionam electrificar cerca
de 6.500 quilómetros de vias férreas
nestes cinco anos — primeira etapa
dum já anunciado programa de 15
anos. Recordem-se que os Planos quin-
quennais soviéticos começaram em
1928 para ampliar as produções in-
dustriais e agrícolas. O último que se
tem conhecimento foi iniciado em
1938 e foi interrompido devido à
invasão da Rússia.

A RENDIÇÃO JAPONESA EM MANILÁ

O acto formal e a assinatura do
respectivo documento de rendição
nipónica foram realizados de modo
a não deixar as mais pequenas di-
vidas no espirito dos enviados japo-
neses sobre a sua verdadeira situação.

Desde o início das propostas de
paz, conforme já aqui assinalámos na
última semana, assistiu-se a uma
persistente deliberação tentativa, por
parte dos governantes nipónicos,
para convencer, pelo menos, aos
olhos do povo do Japão, que a ren-
dição não era devida à derrota das
forças armadas, mas sim a fins hu-
manitários, associados muito de perto
ao lançamento da bomba atómica.

Seventy horas depois da explosão
da primeira, em Hiroshima, os Japo-
neses ofereceram a rendição, por
inter-médio do embaixador do Pélo, afir-
mando que a faziam em obediência
à vontade do Imperador, e que, se-
mpre ansioso por defender a causa
da paz mundial, desejava sinceramente
o fim das hostilidades com o intuito
de preservar a humanidade das ca-
lunidades que lhe seriam impostas
pelo prolongamento da guerra.

Desde então, os japoneses têm
continuado a ser informados pelos
funcionários da propaganda nipónica
que conseguiriam terminar a guerra
com grandes reservas de potencial e
que o dever deles é, por ora, contri-
buir para o futuro do mundo por
meio do desenvolvimento da ciência.
O que é que se pretende com isto?

Pura e simplesmente repetir, palavra
por palavra, o caso alemão de 1918.

As condições são também muito
semelhantes e os resultados, se as
Nações Unidas não aproveitarem a
experiência, podem ser igualmente
desastrosas.

Em 1918, a Alemanha não foi inva-
dida; o mesmo acontece agora com
o Japão. Em 1918, as forças arma-
das alemãs conseguiram convencer a
Alemanha do mito de nunca terem
sido vencidas, mas da derrota ter
sido causada pelo colapso interno da
população. O Japão de hoje tem a
mesma pretensão.

Além distes, ainda se pode esta-
belecer mais outro sugestivo pa-
ralelo. Com efeito, nessa ocasião, tal
como agora, poucos foram os sol-
dados que sofreram o deprimente
castigo de serem aprisionados no
campo de batalha, o que, deve-se
dizê-lo, no caso japonês tem uma
importância extraordinária.

Desde o ataque a Pearl Harbour,
as forças armadas japonesas habi-
tuaram, durante longo período, o
povo nipónico à glória das grandes
conquistas. Este sentimento ainda
persiste.

Conforme salientava o «Daily
Mail», os japoneses têm de ser con-
vencidos de que os seus irmãos de
armas foram vencidos e dominados
em todas as frentes, muito antes de
aparecer a bomba atómica.
Encontrar a maneira de introduzir
profundamente no âmago da metró-
pole japonesa esta convicção, tal é
uma das grandes missões do general
Douglas Mac Arthur na sua quali-
dade de supremo comandante aliado.
Se assim não fór, pobre do Mundo e
pobre da Humanidade...

LEIA DETECTIVE

O GRANDE SUPLEMENTO
POLICIAL DE "VIDA
MUNDIAL ILUSTRADA"

MEDICINAL
PASTA / **COURO**

TRATA
gengivas doerocadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou bismuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

Tika
MATA

PERCEBIBOIS
BARATAS
PULGAS
TRACA

Vende-se nas Farmácias e Drograrias
Depósitos: Cada caixa 3\$00
Lisboa — Largo do Contador Mour, 4-A
Porto — Largo de S. Domingos, 108

LAVANDE DOUBLE

O ar do campo!

«LAVANDE DOUBLE», PRO-
DUTO DE BELEZA DA MAIS
ALTA REPUTAÇÃO MUNDIAL.
DEPOIS DO BANHO DA A
PELE UMA MAGNIFICA SEN-
SAÇÃO DE FRESCURA. TOR-
NA-A SETINOSA, LISA E RE-
JUVENESCIDA, COMO PERFU-
MADA DAS MAIS CAPITOSAS
FLORES.

LT-PIVER

O DR. SAMMY DIVORCIA UMA CLIENTE NO TEMPO "RECORD" DE 3 MINUTOS



O primeiro passo para obter o divórcio é dado à entrada do tribunal onde o advogado e a cliente recebem o caso antes de o apresentarem ao juiz.



O segundo passo é dado pela cliente. Causa: Alegrias — «Crueldade Mental». O marido não lhe dava palavra e não respondia às suas perguntas! Isto fez-lhe perder muito peso! «Tadinha!».



O terceiro passo: — O Juiz concede o divórcio. Tempo gasto: — 3 minutos! É bonito, não é?



O último passo é uma pequena esposa para os jornais. Sammy sabe que a publicidade atrai sempre novas clientes! Oh! A crueldade mental!...



As divorciadas mais bonitas são sempre assediadas pelos repórteres, fotógrafos dos jornais de Los Angeles para umas fotografias sugestivas...

A média dos divórcios nos Estados Unidos, que costumava ser de um por cada seis casamentos (!!!), tende a aumentar extraordinariamente. Parece, mesmo, aproximar-se a maior «vaga de divórcios» que se tem visto por toda a América.

E o mais curioso é que o facto está a verificar-se, não em Miami ou no Reno, mas sim em Los Angeles, onde tal nunca sucedera.

No ano passado fizeram-se, nesta cidade, 17.803 divórcios, número que representa 53 % das licenças de casamento que foram passadas, no distrito, em 1944!

Os divórcios aumentam, assustadoramente, em todas as classes sociais: nos operários como nos milionários.

A crueldade mental é a causa mais popular de todos os divórcios, que estão dando uma fortuna a Sammy Hahn, o advogado mais em voga para as questões sentimentais.

Segundo ele afirma, a «vaga de divórcios» aumentará mais ainda quando os soldados regressarem das frentes de batalha e verificarem que nem tudo está como eles sonhavam...

E garante, esfregando as mãos de contente: — A guerra militar acabou; agora, vai começar a guerra matrimonial!...

DIVÓRCIOS

EM

SÉRIE

FAZEM A FORTUNA

DUM ABOGADO

DE LOS ANGELES



Eis a sala de espera do advogado «Sammy Hahn»



Esta cliente diz que o seu marido quer divorciar-se porque ela tomou o pequeno almoço em camisa de dormir! Hahn arranja testemunhas de que ela era a mais encantadora dona de casa das vizinhanças e de que não haverá crueldade mental no facto de tomar o pequeno almoço em camisa de dormir... e zombou a questão!



O marido não parava em casa.



O marido batia-lhe.



O marido safu e não tornou a voltar...



O marido tinha o vício do jogo.



O marido tinha a mania do suicídio.



O marido era materialado.



O marido tinha outra mulher.



O marido passava as noites acordado e batia-lhe!



O marido era pouco afectuoso.



O marido tinha fúrias!



O marido batia demais...



O marido não trabalhava.



O marido batia-lhe — com certeza quando estava acordado



O marido vivia à custa dozira! Oh!



A mulher possuía um gênio irascível.



O marido queria que ela se pintasse como as outras!



O marido era de grande crueldade mental.



O marido pôla-nua!



A mulher era muito ciumentosa.



O marido enganou-a!



O marido abandonou-a ao sabida grávida! patife!



O marido tinha fúrias em q e lhe rasgava os vestidos. Estragadão.



O marido ficou descontento para local desconhecido!



O marido nunca viveu com ela! Casamento anulado, é claro...

(Continuação da página 3)

Desportos!

O estorpo desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado, proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.

A precisão dos movimentos obriga a uma concentração de todas as energias



A agilitade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos



A elegância de movimentos requer a máxima agilitade

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restitui-lhe o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico a peça sempre o legítimo **Fosforo Ferrero**

A vende em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fosforo Ferrero

SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUENTE E NUTRITIVO

BUARCOS

(Continuação da página 7)

nação; que são uma prova exuberante das horas áftilas que Buarcos tem vivido. É uma mãe que ofereceu a sua fotografia à Santa, com dedicatória, por lhe ter salvo o filho das «garras» do mar. É uma cachupa tímida pelo sol, que se despediu da sua longa cabeleira para a oferta à Senhora da Encarnação, que lhe salvou o novo no máis da Terra Nova. É foi no momento triste da partida que ela se agarrou à Senhora: «Se de voltar sózinho e perdido, dou-te os meus cabelos, Senhora da Encarnação». Ele voltou como ela queria e casou-se depois da safra. Homem honrado que não enfiava juramentos. Subiu ao altar, levou as fartas tranças e botou fala à Santa:

«O prometido é devido, Senhora da Encarnação. Os cabelos tornam a nascer, e «homens como aquele que me dá, não o vejo em outra banda nem o mar» o tem...

«Pescador que se safou da morte, já se sabe: chega a terra, tira a fotografia, escreve-lhe uma dedicatória e vai oferecê-la à Senhora da Encarnação. E assim se tem feito aquele Museu, que na sua simplicidade evoca horas extraordinárias de luta e de desespero, quando ao mar alto, os homens de Buarcos têm de roer o pão duro dumas tempestades e vencer aquelas agarratadas danças, que o mar abre para os tragar.

«E quem quiser saber desta alma de Buarcos, vá ao seu Museu, e repare naquelas virtudes tóxicas que enchem um mundo de poesia, de fé e de exaltação ao mar... Porque a gente de Buarcos, se tem no seu maior inimigo, também é nele que encontra a maior descação. Ama-o inconscientemente, querê ele lhe mate um filho ou lhe traga os homens todos que a ele se botaram.

«É o neste sentimento que os seus cantares traduzem uma devoção e uma certeza:

«Tudo que no mar embarca

A Buarcos chega bem...»

por si, talvez não seja muito, ou sejam repetições de idéias antigas. Ligado a elles, é um mundo novo. Poderiam chamar a esse espécie de estilo, o estilo mágico.

Este estilo mágico, que procede e em muito do vigor da personalidade, que nos iniciados quasi só de personalidade deriva, é o que possuem os grandes oradores, cuja figura, em toda a sua complexidade, é inseparável do seu discurso, e glorioso, porém, desaparece da vida, resta apenas uma tradição lúscua e quiótica. Termina a magia.

Entre nós, por exemplo, podemos ler discursos do Padre António Vieira, de José Estêvão, de Alexandre Braga ou de António José de Almeida, que já nos não comovem e embriagam. E isto não só por não possuímos a attitudinal mental dos que os escutam, mas também, acima de tudo, porque só temos diante de nós a letra, faltando-nos o homem, o espirito que a vivificou.

Esta magia da personalidade explica muita coisa. Por exemplo, a teosofia e o espiritismo, que encerram verdades profundas, que nos explicam muita coisa que a religião deixou no obscuro, não fructificam, não movem as almas, por uma única razão: por não ter vindo ao mundo uma personalidade mágica que nos transmitisse. Tudo o que tem aparecido, cá para as bandas do Ocidente, a procurar as verdades teosóficas, filhas do Oriente, e os fenómenos espiritistas ligados a ellas, mais ou menos verificáveis, são pessoas de fraca projecção. Se apparecesse um mago, que fizesse disso tudo uma síntese e a unisse ao Cristianismo, teríamos talvez uma nova religião, feita do velho, mas com todo o viço do novo. Quem sabe?

A esta magia da personalidade no campo político, devemos attribuir os êxitos do primeiro Pitt. Era grande orador, dominava a Câmara dos Comuns, mas fora dísse ambientado nem sequer se conhecia a letra dos seus discursos, porque era proibida a publicação dos debates parlamentares. Era mau administrador, mau financeiro e bastante teatral. Mas era intrinsecamente honesto. Pois este homem não só dinamizava a Câmara dos Comuns, o que não admira, mas dinamizava a nação, o frota inglesa, o exército e, por isso, pertencem-lhe as vitórias que a Inglaterra alcançou no período áureo da sua governação. Os discursos dele, apesar de não transmitidos, faziam estrear-se de

mêdo todos os seus inimigos externos. William Pitt possuía uma personalidade mágica.

Lembra-se outro caso de magia, não branca, nem talvez negra, tendo não obstante um pouco para losses, a magia do estilo de vida de Luís XIV.

Não foi grande general; os seus campees, os seus batalhões, as suas fuzilhas; não foi grande estadista; o que de bom se fez no seu reinado deve-se aos milhões de soldados que levou a Louvois; não era letrado, pois que mal sabia latim, não sabia occulta; como alguns súperos asiáticos; mostrava-se perante a multidão de súbditos, a comezar, a levantar-se a deitar-se, o que contradiz o ditado de que nenhum homem é grande para o seu criado e quarto. Não era austero, porque nem o tálamo conjugal poupava. Nem decente, porque fazia com os seus filhos, alguns duplamente adúlteros, com pessoas de sua própria família. Invasa os Estados vizinhos sem prévia declaração de guerra. Assolou o Palatinado. Rivogou o Edo de Nantes. Quando morreu, a França estava pobre e desprestigiada.

Foi este homem, com muitos defeitos e poucas virtudes, que conseguiu ser admirado como uma alta personalidade admirada. Que se chamava como um Deus. A cegueira era tanta, que toda a gente o tinha por alto quando era a levantar-se e a deitar-se, ninguém se atrevia a olhar para o alto.

Visto pois, que as idéias mestras são todas ou quasi todas velhas, o que marca verdadeiramente no que se diz ou escreve, ou se faz, é o estilo. Foi Teófilo Braga quem o disse: «A idealização estética o poder criador, o gênio genial consistem em que se universaliza o pensamento».

Podemos, pois, a meu parecer, dividir os dois em expressões, o que transmitem simplesmente a idéias; musicais, os que impressionam a sensibilidade, os que transmitem, os que comunicam com as ondulações do pensamento, conforme o conceito de Bergson, os que se fazem, e que está no seu poder de sugestão, que só opera sobre mentalidades preparadas. É para o escrever os magos, que actua magneticamente através de personalidades de alto plano espiritual ou de grandes oradores, o que só inteiramente inseparáveis da sua presença augusta.

UM CAIXEIRO ARTISTA

(Continuação da página 19)

senho de um estudo analítico sobre uma pinha. Despertou grande curiosidade a maneira como o artista conseguiu estilizar a rama do pinheiro em diversos modos de aplicação dos ornatos.

Já o artista, desiludido com a falta de interesse, delatou a sua obra aos cingezis e pensava em governar a vida fora da arte.

De volta a Lisboa, sem ter onde aplicar o seu esforço artístico, Alfredo de Azevedo foi para a tabacaria conhecida em França, onde recebeu os melhores elogios, fizeram-lhe as maiores referências.

Em França, onde viveu durante uns, até 1897, Alfredo de Azevedo viu, com os anos a correr, que a sua arte, apreciada em França, era pouco conhecida em Portugal. Recebeu os melhores elogios, fizeram-lhe as maiores referências.

E aqui está, senhores, a história deste extraordinário artista que continuará, apesar dos seus 56 anos, a vender tabaco—e a ganhar a vida—há tantos em Portugal que se dizem artistas e deveriam ser caixeiros...

Inscrição para o filme "Matinée às quatro"

Nome

Idade Profissão

Morada

Desportos que pratica Habilitações literárias

Sabe cantar? Que género?

Sabe dançar? Que género de dança?



Noivos apenas durante três meses, Clement Attlee e Violet Helen casaram-se em 10 de Janeiro de 1922...



Mrs. Violet Helen Attlee, esposa do primeiro Ministro, revela, na sua expressão, uma felicidade calma...

U M A FAMÍLIA SIMPÁTICA

TEMOS A HONRA DE LHE APRESENTAR

MR. CLEMENT ATLEE...

...A ESPOSA... E OS FILHOS!

E uma casa modesta, em Stanmore, Middlesex, da família de Attlee, o «leader» trabalhista que as últimas eleições inglesas elevaram ao cargo de Primeiro Ministro.

Attlee conheceu sua mulher, Violeta Miller, em 1922, depois duma viagem pela Itália.

Casaram, fixaram residência em Stanmore, e aí cresceram os seus quatro filhos. Agora, mudaram-se para o famoso e internacionalmente conhecido número 10 de Downing Street, e Mrs. Violet Helen Attlee — que tem sido a mais perfeita companheira que um homem pode ambicionar na vida, mesmo sem chegar a Primeiro Ministro — já tomou a seu cargo o embelezamento da nova casa.

Mas a vida tranqüila e pacífica de Stanmore não será esquecida, e a casinha simples mas acolhedora onde seus filhos cresceram, só provisoriamente foi abandonada...



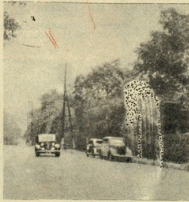
A família do primeiro Ministro Inglês, à porta de sua casa de Stanmore. Da esquerda para a direita vemos: — Alison, a filha mais nova; Clement Attlee, o chefe da família; Mrs. Attlee; a filha mais velha, Janet; Felicity, outra filha; e Martin, o filho. Pela foto se vê que todos estiveram mobilizados — menos a filha mais nova...



Violet Helen, é uma perfeita dona de casa. Gosta até ela própria, de coser as roupas dos filhos...



O pouco tempo que a lida da casa lhe deixa livre, aproveita-o Mrs. Attlee para se dedicar aos seus outros predilectos...



O carro de Attlee sai de Stanmore, conduzindo-o ao seu trabalho...



Esta é a simpática casa do casal Attlee.



Durante as últimas eleições, Mrs. Attlee, guiou o carro...



Aqui a vemos arrumando a sua casa.

dia 20 de Novembro de 1942 pode dizer-se que assinalou o termo da fase inicial das grandes operações que se realizaram no Norte de África, como consequência do inesperado desembarque dos anglo-americanos. Estes tinham conseguido, graças à superioridade no mar e à complicitades que puderam utilizar em larga escala, pôr no território do Império colonial francês um aparelho militar em condições de transformar radicalmente as concepções predominantes até essa altura, nos domínios da estratégia que estava a ser aplicada pelos dois blocos beligerantes em África e na Europa.

Os anglo-americanos, em poucos dias, tinham alcançado o domínio completo de dois territórios da maior importância sob o ponto de vista estratégico, Marrocos e Argélia, ao mesmo tempo que as nações do Eixo cravam, na Tunísia, uma sólida testa de ponte. Os Aliados, com a posse de magníficas posições estratégicas na costa atlântica e na bacia ocidental do Mediterrâneo, estavam em condições de desencadear, oportunamente, uma ofensiva que, partindo do ocidente para o oriente, devia cooperar efectivamente com a estratégia britânica, a qual caminhando em sentido contrário procurava aniquilar os efectivos da «Áfrika Korps» e os Italianos que com êle se encontravam.

O Eixo assegurava-se do domínio da Tunísia, o que lhe dava a posse dum registo estratégico de importância vital, a qual compreendia as duas posições predominantes de Tunísia e Bizerta, além dos portos de Sfax e Gabès, que eram para o comando alemão elementos de grande importância para o desenvolvimento da estratégia de retardamento que se propunha executar no Norte de África. As suas forças estavam em condições de desembarcar livremente nessas portos, pois a aviação alemã continuava a dominar o estreito da Sicília, onde os Aliados apenas estavam em condições de empregar as suas frotilhas de submarinos e um número limitado de pequenas unidades navais.

CONSEQUÊNCIAS MILITARES E POLÍTICAS DO DESEMBARQUE

O desembarque dos Aliados no Norte de África assinalou uma viragem de significação histórica no curso da guerra. Inglese e americana faziam praticamente a demonstração de que a iniciativa estratégica não era, como geralmente se supunha, domínio exclusivo das potências do Eixo. O facto era tanto mais de assinalar, quanto certo que, quatro meses antes, em Julho de 1942, eles haviam estado à beira dum derrota total e irremediável quando da queda de Tobruk e do avanço de Rommel em direcção ao Suez, episódios que coincidiram com o máximo avanço de Wehrmacht na frente leste, e qual atingiu os limites do Cáucaso e do Volga.

O efeito de surpresa, provocado entre os seus inimigos pelos anglo-americanos ao realizarem essa operação gigantesca, aparecia agravado,



O Presidente Roosevelt, durante uma conferência de imprensa na Casa Branca, fala aos jornalistas

para os alemães e Italianos, pela revelação de que tanto a Grã-Bretanha como os Estados-Unidos tinham adiantado extraordinariamente os seus preparativos de molde a provocar uma legítima admiração que os críticos e peritos militares das potências do Eixo não se extinguiram a manifestar.

O segredo das vitórias do Reich restitua, principalmente, na surpresa com que, invariavelmente, haviam decorrido na sua fase inicial todas as operações levadas a cabo pelo seu Alto Comando, no segredo de que os respectivos preparativos se rodeavam, da minúcia com que eram preparados e do carácter fulminante de que se revestia a arremetida alemã. Todas essas características podiam ser facilmente reconhecidas no desembarque anglo-americano no Norte de África. Surpresa, segredo, execução impecável dos planos estabelecidos pelos chefes militares revelando elevado grau de aperfeiçoamento nos preparativos, eis as razões fundamentais que haviam justificado o êxito do desembarque, as quais decerto continuariam a ser manifestadas pelo Alto Comando Aliado nas operações ulteriores em que tivesse de intervir.

O FACTOR AMERICANO COMEÇA A AVULSTAR NO CONJUNTO DAS FORÇAS EM PRESENÇA PARA A LIQUIDAÇÃO DA GUERRA

Outra característica assinalada pelo desembarque era dada pela impor-

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVII

A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS



tância que, na sua preparação e na sua execução, desempenhara o factor americano. No seu conjunto, era legítimo dizer que se tratava de uma operação tipicamente americana. A guerra de tipo continental que o Reich pudera fazer vitoriosamente contra todos os seus adversários na Europa e que, em certa medida, conseguira transplantar para o Norte de África, cedia o seu lugar a um novo tipo de guerra em que a cooperação das diversas armas, incluindo o domínio do mar, se efectuava com uma perfeição e uma grandeza que deixavam a perder de vista as proezas levadas a cabo pelos soldados, marinheiros e aviadores alemães durante a campanha da Noruega, que, até essa altura, continuava a ser, com o episódio da Grécia, o stelo mais saliente da superioridade técnica dos alemães na arte de fazer a guerra.

Era evidente que as nações anglo-saxónicas, a Grã-Bretanha com a sua experiência e os Estados-Unidos com o seu poder, começavam a usar em pleno a sua superioridade no mar, factor que nunca haviam até essa altura utilizado plenamente, devido às transformações que, na estratégia naval, haviam introduzido a intervenção da arma aérea. Durante mais de dois anos, desde a campanha da Noruega, a esquadra britânica desempenhara um papel puramente defensivo, defendendo as costas da sua metrópole, ou passivo, assegurando a realização eficaz do bloqueio naval, mas revelara-se incapaz de desencadear ou auxiliar o desenvolvimento de operações ofensivas em larga escala. Essa situação parecia radicalmente transformada.

Os anglo-americanos azalavam a prova eloquente de que, no dia em que tivessem preparado devidamente um desembarque nas costas do continente europeu, este era perfeitamente realizável. Esta lição predominante era a que avultava no meio dos acontecimentos que no Outono de 1942 se desenrolaram no Norte de África.

REALIDADES MILITARES E DIPLOMÁTICAS ABERTAS À ESTRATÉGIA ALIADA NO NORTE DE ÁFRICA E NA EUROPA

Estava assim criada a primeira plataforma de invadido do continente europeu. Esta realidade militar essencial não deixaria certamente de se desenhar em consequências de ordem a espécie, nos tempos que se aproximavam. Por outro lado, tornara-se evidente que os norte-americanos, embora sacrificando de momento a condução da guerra no Extremo-Oriente, estavam firmemente decididos a fazer pesar, na balança das forças em presença para arrancar a decisão da luta na Europa, todo o seu potencial militar. Esta constatação de molde a fazer supor que entre aquêle país e os seus aliados se haviam estabelecido sólidos e as linhas gerais da estratégia a seguir, e que essa estratégia dava prioridade aos acontecimentos da Europa no quadro geral da segunda configuração.

O presidente Roosevelt conseguira convencer a grande massa dos seus compatriotas, tarefa que parecia irrealizável depois do ataque nipónico a Pearl Harbour, de que o verdadeiro e o mais perigoso inimigo do seu país era o Reich, e que a tarefa mais urgente consistia em quebrar a sua resistência. Esta concepção de conduzir a guerra, que se tornou clara depois do desembarque em África, e, sobretudo, mais tarde a tornar-se conhecida pelo nome de estratégia de Casablanca, quando, na conferência anglo-americana que dois meses depois se realizou nesta cidade, foram reveladas as intenções dos Estados-Unidos em liquidar completamente a guerra na Europa antes de assentarem todas as suas atenções e todos os seus esforços na guerra contra o seu inimigo tradicionalmente detestado, Japão, que entretanto no Extremo-Oriente também se remetia a uma defensiva porfada para não poder crescer dos seus adversários.

(Continua na página 16)



Em Marrocos, o Presidente Roosevelt toma uma refeição num dos acampamentos das tropas americanas

UM CAIXEIRO ARTISTA

FOI AO ESTRANGEIRO COM UMA BOLSA DE ESTUDO

ALGUNS DOS TRINTA TRABALHOS QUE NESTE BALÇÃO, QUE LHE SERVE DE PRANQUETA, ALFREDO DE AZEVEDO FEZ E VAI EXPOR AO PÚBLICO.

ISTO na América seria um caso sensacional, de largas parangonas nos jornais. Porém, nós vivemos em Lisboa, neste cantinho abençoado da Europa Ocidental. Nos zimbórios das nossas igrejas ainda evocam aquelas pombas que trazem nos bicos rosmarinho e alfazema — como se no Chiado ou Fonte Santa, em vez de luxo ou mistéria, crescessem vísceras as médias dos trigos e os cardos dos lameiros.

Nova-York, ruidosa, barulhenta, agitada, diria aos milhões de leitores dos jornais que, numa quinta ou sexta Avenida, entre jornais e tabacos, num cubículo de capelinha, um extraordinário artista ganhava a vida como empregado comercial — enquanto a sua arte, inspirada e bela, ia esmorecendo no ímpeto criador.

Claro que os americanos, em romaria, iam ao estabelecimento. A polícia, grave e ordeira, tinha que «esperar» — como dizia Filhalo — com os rabos dos cavalos a multidão — e o defecho inevitável, apoteótico, definindo até o temperamento dos americanos, seria este: ou o homem lá para galá de cinema ou escrevia as suas memórias, em folhetins, pagos a dólares fabulosos num desses «Dalls Express» de cinco edições...

Choviam cartas de todos os lados. E o artista, como objecto de exposição, teria de andar, de província em província, a mostrar a prodigiosa actividade.

Acabaria, pôde, menos artista do que era quando vendia tabacos, mas, decerto, com uma fortuna capaz de pôr um quarteirão novayorquino a vender tabaco...

Mas isto aqui, dissemos, é Lisboa. E se é bem verdade que a província se identifica, até certo ponto, pelo fato que traz em cima o seu habitante — a capital, pela única razão

de não usar barrete e a bota coriada não deixou ainda, na barreira de sabão, certos hábitosinhos de mouro com apêgo à terra.

Sómos, por consequência, uma cosmopolita cidade... de província. Por isso este caso que vamos contar interessará a alguns curiosos, que darão punhadas na mesa do «café», gritando que «é uma infâmia não se proteger a arte, não se encaminhar as vocações!». Evidentemente que, no fundo, eles não sentem nada daquilo — e são os mesmos que, amanhã, a serem concedidas bolsas de estudo aos artistas, voltarão a barafustar que não há direito que se gaste tanto dinheiro para certos «nulos» andarem de passeio, por «ateliers» estrangeiros...

Mas vamos ao caso. Alfredo de Almeida Azevedo foi dos mais laureados alunos da Escola Príncipe Real, hoje Machado de Castro.

Tendo revelado, então, excepcional vocação artística, o Estado mandou-o estagiar, como seu pensionista, na Suíça, na «Ecole des Arts Industriels». Ali se conservou durante cinco anos com brilhante aproveitamento e trouxe, no diploma, uma alta classificação.

Chegado a Portugal em Janeiro de 1913 com o curso de desenho, de modelação e de cinzelagem, Joaquim de Azevedo não encontrou uma escola que o chamasse para professor dum arte que tem tradições na ourivesaria portuguesa.

Começou a trabalhar, porém, chamado por particulares.

E nas maiores ourivesarias de Lisboa a sua arte de cinzelador apareceu, com o cunho do grande artista. Depois, foram ilustrações para revistas e jornais; em 1913 apresentou na Exposição de Artes Gráficas da Imprensa Nacional um trabalho em de-

(Continua na página 16)



DE MANHÃ, O ARTISTA-CAIXEIRO TEM QUE COLOCAR OS JORNALS E AS REVISTAS BEM VISÍVEIS — NÃO SE ESQUEÇA O PÚBLICO DA SUA PUBLICAÇÃO PREDILECTA.



Dois beligerantes e um neutrô



Altos e baixos



No Jardim Zoológico dos Pequenos

IMAGENS DA ALEMANHA OCUPADA

ANTES DA CONFRATERNIZAÇÃO...

DURANTE muito tempo, os soldados americanos e ingleses, pertencentes aos exércitos empregados na ocupação da Alemanha estiveram proibidos de confraternizar com os alemães, e, sobretudo, com as alemãs...

Há até quem diga que as jovens alemãs se passavam, em grandes grupos, para a zona russa, porque lhes fazia aflição estarem ali, tão perto dos soldados, e não poderem trocar com eles umas simples palavras...

Mas ordens são ordens — e aos soldados anglo-americanos era proibido contrair casamento, visitar, beber, jogar, passear, dar presentes, dançar, e até apertar a mão a indivíduos de nacionalidade alemã!

As únicas exceções admitidas referiam-se a crianças até oito anos de idade.

E, no caso de não cumprimento destas ordens superiores, os soldados apanhavam multas entre 65 e 325 dólares — ou, o que não era melhor, seis meses de trabalho aturado!

Para um oficial, então, o confraternizar com alemães correspondia a conselho de guerra e, possivelmente, à perda dos galões...

Por isso os soldados das Nações Unidas não confraternizavam, à exceção dos russos, que até chegaram a casar, aos milhares, com lindíssimas alemãs...

As imagens desta página são de antes da confraternização... E por elas se pode calcular o sofrimento daqueles soldados, colocados entre as ordens dos seus superiores e o inegável interesse do fruto proibidos...

Era assim, às escondidas, que os soldados se encontravam, nos ruas de Berlim, com as raparigas alemãs... Ai, se a ronda os apanha!...



As raparigas alemãs bem lhes acenam... Mas éles passam, nos seus «jeeps», indiferentes à beleza — por causa do terrível regulamento!



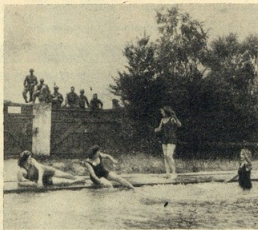
A esta gentil alemã, deu-lhe para namorar um soldado americano. Mas éla a nada se move...



Este passeio, para trás e para diante, provocando dois ingleses. Mas não adianta...



Vejam o transparente vestido com que esta pede uma indicação a um soldado aliado! Olhem que já é preciso ser má!



De longe, os soldados admiram estas raparigas alemãs que se banham numa piscina durante as horas destinadas aos banhos dos civis... Sim, porque os soldados só se podiam meter na água a horas diferentes...



Este cartaz, mandado afixar pelo comando aliado, explica tudo: — não se vê um soldado que se deixou prender por uma alemã e acabou em trabalhos aturados...



Ivone Tôres,
a «Rainha do patins»

"A RAINHA DO PATIM" FOI ELEITA*

N

O «rink» dos «Recreios Desportivos da Amadora» realizou-se um lindo festival de patinagem artística, promovido pela «Comissão de Iniciativa e Propaganda» do clube local que muito tem contribuído para o desenvolvimento da patinagem e, em especial, do «hockey» em patins.

Com o apoio da Federação e da Associação de Patinagem do Sul, foram criados os títulos de «Rainha» e «Princesinha do Patim», sendo disputados, todos os anos, não só aqueles honrosos títulos, mas, também, duas valiosas taças.

A iniciativa foi bastante animadora, tendo ocorrido ao festival muito público de toda a linha de Sintra e de Lisboa. O título de «Rainha do Patim, 1945» foi ganho pela conhecida patinadora Ivone Tôres, do Lisgás, não sem luta renhida da parte de todas as concorrentes, em especial de Denise Rahier, da Associação Académica da Amadora, que fez uma exibição primorosa, mas que, dada a sua nacionalidade estrangeira, o júri entendeu não classificar, atribuindo-lhe menção honrosa fora da competição. Todavia, a vitória de Ivone Tôres foi justa, conquanto por uma margem mínima. O título de «Princesinha do Patim, 1945», foi atribuído à concorrente do Sport Lisboa e Benfica, a pequenina Edite Cruz, também através de uma competição em que as demais concorrentes ombrearam com a triunfadora.

O festival terminou com um elegante «chá-dançante», durante o qual foram feitos vários ballados em patins, por Ivone Tôres, Denise Rahier, Rosa Duque, Edite Cruz e o professor Xavier de Araújo. Ao festival deu também a sua colaboração o conhecido patinador José Soares, do Aterreu Comercial de Lisboa, que acompanhou as concorrentes à pista.

Esperemos que em 1946 a competição se volte a verificar, visto ser um alto incentivo para a patinagem artística, infelizmente ainda não muito praticada no nosso país, sendo mesmo de esperar um apoio mais largo da Federação Portuguesa de Patinagem e da Associação de Patinagem do Sul a tão interessante iniciativa.



A «Rainha», uma figura de escola



Denise Rahier, da «Associação Académica da Amadora», que, com Rosa Duque, executou o «ballado das Rosas Vermelhas»

O GRUPO DE PATINADORAS QUE DISPUTARAM OS TÍTULOS DE «RAINHA» E «PRINCESINHA DO PATIM» 1945



PASSATEMPO

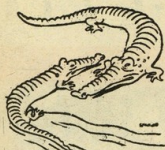


DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês 54 da Bandeira, 108, 3.ª - LISBOA



PEDIDO DE CASAMENTO

— De joelhos lhe peço a mão de sua filha. Tenho palácios, automóveis, barcos...
— E então milionário?...
— Não senhor, sou um idealista...



REFLEXOS SOBRE O FUTURO

— Que queres ser quando fôrtes maior: carteira, malinha ou sapato de senhora?

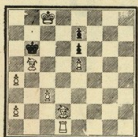


ESTRATAGEMAS

— ...É uma mulher que leva todos os dias um menino de peito.
— Será para pedir a noiva?...
— Não! É para poder ir sentada no eléctrico.

XADREZ

PROBLEMA N.º 7
Por Ástia da Graça
(«Diário Ilustrado», 1905)



3x

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6
(Dr. Zepfer)

1. R—d4; B—; 2. C—d6, R—b5;
2. D—c2, R—b5; 2. D—d7+.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora
(Espanha)

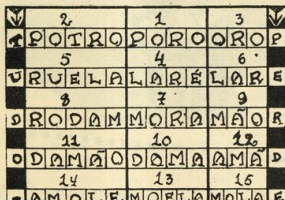
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE «PROBLEMAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 68
(Final artístico)

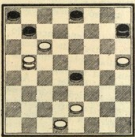
PALAVRAS DERIVADAS

Solução do problema n.º 1— (De Esog Rapsag)

QUEM TUDO QUERE



«La Provincia», 17/5/945
(Las Palmas — Espanha)
Lema: «Lustada XVIII»

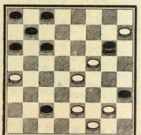


As brancas jogam e ganham.
(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 33

Por Adelino José Ribeiro
(Bragança)

Preta: 7 «pedras» e 1 «dama».



Brancas: 7 «pedras».
Jogam as brancas e ganham.

NOTA — A solução do Final de jogo n.º 17, do nosso antigo capítulo Evaristo Borges, só a inseriremos em Setembro, a fim de darmos tempo aos «damistas» de no-la enviar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 32

21-18	4-7	18-13
23-3	3-12	17-10
1-8 ganham.		
P.		

1.º CAMPEONATO DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA, DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»
Resultados de 1.º Eliminatória
(Continuação)

Série L
Vencedor: Luis Gaspar (Chamausa).
Eliminado: Jorge Galamba Marques (Castanheira de Pera), José Ribeiro da Silva (Reboredos — Santo Tirso) e Manuel Pinto da Silva (Pórtio).
(Continua)

CHARADAS

APOCOPADAS

1) O abuso da bebida alcoólica, e sócio. — 1-1
Viseu Dr. de Cabreto

SINCOPADAS

2) Brincos grandes de massanga que usam os pretos africanos, são o encanto da mulher nobre. — 3-2.
Viseu Dr. de Cabreto

3) A cicutia é planta que fruto não dá. — 3-2.
Viseu J. Correia

SOLUÇÃO DAS CHARADAS PUBLICADAS EM 16/8/945

1) Reclamar-remar. 2) Péscuro-furo. 3) Roleta-rota. 4) Sátira-sara.

PASSATEMPO

TRES PREGUNTAS

1) Qual é a cidade importante de um país da Europa que pluralizando-se transforma numa povoação do conelho de Sataim (Viseu)?
2) Qual é a povoação do conelho de Aveiro que também é uma parte da cara?
3) Qual é a povoação do conelho do Sabugal (Guarda), que também pode ser navio ou uma parte da larva?

SELECCAO DE SILABAS

SAQUEM TUMOR DOTE PEQUE TARE TURA LADO SUPER ALARDE

Tom-se uma sílaba de cada uma destas palavras e colocando-as nessa mesma ordem ler-se-á um conhecido e antigo proibido.

SOLUCOES DOS ANAGRAMAS PUBLICADOS EM 16/8/945

1) Estremadura. 2) Pau. 3) «Diário Popular». 4) Portalegre. 5) Almada. 6) Algarve.

SOLUÇÃO DE

VEJA SE DESCORRE...
(De 16/8/945)

(A Passagem do Canal)
86 em Setembro daremos a solução deste problema.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 33 (Concurso)

Por «Rocnolis» — (Nelas)

ENUNCIADO

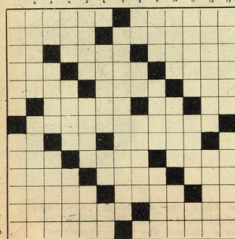
HORIZONTAIS: 1 — Ametxoa; veneram. 2 — Peças do vestuário; rabica. 3 — Graça; supliques; vem novamente. 4 — Lavra; gas; sangüinária. 5 — Embarcação ligeira; também; rapar o sal na salina. 6 — Põe em lotes; propoção contr. de artigo e preposição. 7 — Carinho. 8 — Atmosfera; caminhar; ovidel. 9 — Grande porção; solumidade; ajusta. 10 — Atam; saco de couro; ama. 11 — Enfiada; lrrita; examine! 12 — Aperfeiçoado; diabo. 13 — Curará; não dissera.
VERTICAIS: 1 — Piebe; amurralhas. 2 — Salmora; quadrúpede indiano. 3 — Promone pessoal; unem; livrar. 4 — Árvore venenosa da Malásia; prendei; sacco de couro. 5 — Coeva; trabalho; a família. 6 — Produzir; artigo; oferece. 7 — Arranchada. 8 — Clima; visto que; sacrificia. 9 — Conceder; ponderar; ama. 10 — Crês ovos; bosque; árvore teretibundica. 11 — Antever; Deusa; tua (antigo). 12 — Levedo; contuminar. 13 — Ludibriosa (top); abate.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 32

HORIZONTAIS: 1 — Péscaros. 2 — São; silvo; la. 3 — Aspas; lma. 4 — Ar; lar. 5 — Luiz; ris. 6 — Vale; bisas. 7 — Ut; lria; la. 8 — Assasas.
VERTICAIS: 1 — São; vu. 2 — Póg; lta. 3 — Paúl. 4 — Suariels. 5 — Sis; rá. 6 — Av; bis. 7 — Ro-larias. 8 — Iris. 9 — Sim; sals. 10 — Sat; Sá.

SOLUCIONISTAS DOS ÚLTIMOS PROBLEMAS

Hermínia Polgosa (Lisboa); João Polgosa Ruas (Lisboa); José Luis da Cruz (Lisboa); José da Silva Campos (Guarda); Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu); Dr. José Rodrigues Correia (Viseu); António Húlio Assis da Veiga (Lisboa); Seven (Aveiro) e Eurico Morimont Machado (Lisboa).



TIT-BITS

C I N C O

1

Conta o actor Louis Jouvet que, em Guayaquil, onde a sua Companhia deu alguns espectáculos, não viu representar artistas franceses há sessenta anos. A última «tournee», antes da sua, fora a de Sarah Bernhardt, co a «Dama das Camélias». O Presidente da República do Equador, acompanhado do seu séquito, ocupava o camarote ao lado de Jouvet. E, durante o terceiro acto, os ocupantes do camarote saíram todos. Jouvet estava atônito.

Mas, quando começou o quarto acto, o camarote tornou a encher-se com novos ocupantes.

Acontecera apenas isto: — durante o espectáculo tinha havido uma revolução e o Presidente da República, no último acto, já era austral...

2

Pergunta um jornalista madrileno, para provar que os nomes têm em tudo uma grande influência: — Se a Julieta, de Romeu, se tivesse chamado Pulquéria, teria ficado na História?

Se calhar não tinha...

3

Se quisessem fazer um monumento a Maria Madalena, não se arranjaria ninguém para lançar a primeira pedra...

4

O homem é o único animal capaz de tropeçar duas vezes na mesma pedra.

Por isso os veados se casam outra vez...

5

Qualquer cavalo que caia no meio da rua — tem público!

C O I S A S



Sempre há homens muito porcos!



Ela quis pentear-se à Verónica Lake...



O vento é bom baillador...

OS INDESEJAVEIS

* Lêem alto as legendas, nos cinemas, como que a chamar nos analfabetos.

* Atravessam as ruas a ler o Jornal, Indiferentes ao trânsito e ao perigo.

* Vêm sentar-se no banco do Jardim em que pretendemos conversar, a sós, com uma senhora.

* Quando nos vêem de luto, na rua, perguntam-nos: — Morreu-lhe alguém? — e quando dizemos que sim, exclamam: — Tem graça! Não sabia!

* Correm para um desgraçado que acaba de ser atropelado e está estendido na rua, sangrando, e perguntam-lhe: — Magoou-se?...

QUATRO IMAGENS QUATRO LEGENDAS



Devo ser um tristoso ser-se tão porco!



Ele está convencido de que é cão. O dono também. Mas nós não acreditamos...



MARIA LUIZA, GENTIL E
ESCULTURAL ARTISTA, IN-
TERPRETANDO, NUMA FESTA
DE CARIDADE, UM NÚMERO
HAYAIANO.